

A filosofia na vida cotidiana e a sua importância na atualidade¹

Luciano Zarur

Uma das formas de saber em maior demanda e mais necessárias, fará uma *rentrée* em regra nos sistemas universitários, mas também em muitos lugares públicos e nas redes de convívio. Essencial para pensar e conceitualizar a ética do mercado, para organizar a democracia sem fronteiras e pensar além da precariedade, ela não se construirá ao lado da ciência, e menos ainda contra ela, mas para tentar responder às perguntas que esta não pode resolver sozinha (Attali, 1991: 180).

Introdução

A força de estereótipos e lugares-comuns – sobretudo dos mais repetidos e/ou hiperdimensionados pelos meios de comunicação de massa – fixa imagens muitas vezes distantes da realidade. É o mal de que sofre a filosofia, que, embora se insira em nossa vida de maneira tão tácita quanto inexorável, como, por exemplo, no uso de conceitos e vocabulário filosóficos por não-iniciados, ainda parece longe do que se convencionou chamar cotidiano. Apesar de, muitas vezes, não terem pleno domínio do que pretendem propagar em seu discurso quando utilizam termos (como ideia, razão, essência, substância, por exemplo) e conceitos emprestados do universo filosófico (como os aristotélicos, *catarse* e *mímese*, por exemplo), leigos e iniciados recorrem a eles frequentemente com objetivo de dar mais substância racional a seu discurso, seja para emitir uma mera opinião sobre um produto cultural (quando, voluntária ou involuntariamente aproximam-se do exercício de avaliação estética, ou seja, do subjetivismo que caracteriza a filosofia da arte), ou, meramente, para explicar um procedimento profissional (isto é, um método, cuja origem também deriva da Grécia clássica) ao chamarem-no de filosofia de trabalho.

Os exemplos deste uso algo desatento estão em toda parte; vão desde treinadores de equipes esportivas que, para conferir maior importância à

sua forma de executar suas tarefas, falam em “filosofia de jogo”, até cabeleireiros que dizem “desconstruir” um penteado, muito provavelmente sem saber quem foi Jacques Derrida². Mesmo assim, persiste uma impressão generalizada de que a atividade filosófica se realiza a distância da vida dos homens em geral.

Tal visão começa a desaparecer ao lembrarmos exemplos simples que mostram o quanto os pensamentos da vida cotidiana hodierna estão eivados e/ou inspirados em ideias de filósofos que divulgamos sem termos consciência. Para tanto, bastaria citarmos alguns, como a inscrição na bandeira brasileira baseada em clara orientação do positivismo de Auguste Comte³, doutrina que inspirou outro princípio muito usado na fala corrente, o famoso “contra fatos não há argumentos”. Outro caso de origem filosófica pouco percebida (e momentoso em anos de eleição) é a retórica de um sem-número de candidatos a cargos políticos, que incorporam – sistemática ou eventualmente – a seus discursos técnicas sofisticadas, ainda que desconheçam sua origem nos primórdios da filosofia ocidental. Quando uma pessoa afirma, objetivando desvalorizar uma posição discordante, que cada um tem sua própria opinião (*doxa*), nota-se a presença do relativismo, já aplicado pelos sofistas, apesar de os falantes, majoritariamente, desconhecerem o sentido de *episteme* (palavra grega que significa conhecimento ou ciência). Para aqueles que julgam que a razão tem um valor absoluto e tudo pode ser explicitado por meio dela, o fundamento é o racionalismo. Os que valorizam principalmente a experiência de vida – ou seja, o conhecimento empírico, adquirido com o passar do tempo – pautam-se (conscientemente ou não) no empirismo como modo de desenvolver a cognição.

Poder-se-ia aumentar ainda mais a lista de exemplos. Contudo, tencionava-se tão-somente evidenciar que todas as pessoas estão impregnadas de posições filosóficas, assumidas e utilizadas sem que o saibam. Logo, a filosofia não se afasta da vida prática, como ainda é voz-corrente, mas integra a existência humana com sua presença perene. E um dos indícios disso é a preocupação comum com as questões da ética (em muitas de suas vertentes: deontológica, utilitarista, política, profissional, religiosa, corporativa, por exemplo), dentro da significação que este campo filosófico já teve, isto é, como a ciência que se ocupa dos objetos morais em todas as suas formas, a filosofia moral.

Assim, este artigo visa a contribuir para que se reconheça com mais nitidez a inserção da filosofia na vida de todo e qualquer ser humano, no sentido da prática, isto é, dada a qualquer forma de conhecimento vivenciado, mesmo que isso não seja percebido. Partindo da premissa de que muitas ideias e noções originárias do pensamento filosófico transcendem suas fronteiras e chegam, mesmo que parcial e/ou indiretamente, a transitar entre as pessoas não-especializadas ou até leigas em filosofia – já que integram seus raciocínios, baseiam seus argumentos em discursos que objetivam ser racionais e até balizam muitas de suas ações, principalmente quando buscam comportamentos pautados em noções éticas –, objetiva-se, neste trabalho, primeiramente evidenciar de que forma a filosofia se insere na vida social, independentemente do nível escolar de cada indivíduo.

Tal fato ocorre, inclusive, com a tentativa de aplicação, ainda que enviesada, de conceitos oriundos do começo da filosofia ocidental, isto é, muitíssimo distantes espaço-temporalmente dos dias atuais, e que, apesar disso, integram falas de pessoas comuns, ou seja, não-especializadas na disciplina filosófica. Essa situação demonstra a relevância que a filosofia antiga continua a ter nesta época, tema que também evidencia a importância do pensamento filosófico para qualquer ser humano, inclusive para os mais simples do ponto de vista intelectual.

A filosofia e a vida social

Talvez não seja tão nitidamente percebido pelo senso comum, mas a filosofia está ligada pelos vínculos mais diversos a diferentes fenômenos da vida social. Como se sabe, o próprio aparecimento da filosofia, a luta de tendências opostas no seio dela, a existência de opiniões diferentes sobre o conhecimento, sobre as causas de todas as transformações que ocorrem no mundo – tudo isto tem raízes sociais. Por sua vez, a filosofia influi na luta política, no progresso das ciências, nos movimentos religiosos, na arte, no indivíduo e na época inteira.

Para compreender a essência da ação recíproca entre a sociedade e a filosofia, é preciso esclarecer suas funções sociais, penetrar nas particularidades do reflexo da matéria social na consciência filosófica e mostrar a ligação indissolúvel dos problemas filosóficos a determinadas etapas de desenvolvimento da sociedade ao longo da história. E este processo é perene, ou seja, verifica-se também na atualidade.

Pode-se dizer que a característica precípua – e também sua função primeira – é explicar corretamente tanto o passado como o presente. Muitos filósofos de épocas passadas viam nisso a única função da filosofia. Para diversos pensadores, o filósofo pode compreender o que já aconteceu, o que já pertence ao passado. Portanto, a filosofia poderia apresentar os seus ensinamentos só depois de analisar um fato consumado.

Entretanto, para tentar manter a almejada pureza científica de seus postulados, o filósofo vê-se, frequentemente, obrigado a entrar em contradição com os interesses dos grupos dominantes. Todavia, não se pode esquecer que a missão de uma teoria científica não apenas consiste em explicar e interpretar o que já passou, como também em fazer uma antevisão adequada do futuro. Destarte, uma filosofia autenticamente científica deve possuir esta faculdade (Kirilenko e Kórshunova, 1986: 198-9). Uma vez que uma sociedade futura só pode surgir do que resta da antiga, considerada ultrapassada, a classe progressista está interessada em criar uma doutrina filosófica científica. Logo, uma filosofia verdadeiramente científica deve ser capaz de apresentar uma interpretação correta do passado e simultaneamente uma antevisão apropriada do tempo futuro, traduzindo o interesse das camadas progressistas, mais avançadas, da sociedade.

Pode-se dizer que a filosofia constitui a base teórica da transformação da sociedade. O surgimento do marxismo é um exemplo da íntima ligação da filosofia à vida social. Como se sabe, o pensamento e a doutrina marxistas não emergiram à margem do curso principal do progresso da civilização mundial. O seu aparecimento foi precedido por toda a evolução da sociedade. Nesta relação, convém sublinhar-se as premissas sócio-econômicas, políticas, filosóficas, teóricas e científicas para que a filosofia marxista surtisse.

No plano histórico, como sabemos, o marxismo foi preparado pelo desenvolvimento do capitalismo e da luta de classes na Europa. A classe operária onde se firmara o capitalismo incorporou-se ativamente na luta revolucionária – não apenas de inspiração marxista. Porém, o proletariado não possuía um programa claro de luta, o que teria sido a causa principal do fracasso de suas ações revolucionárias. Logo, tornou-se patente a necessidade de uma teoria revolucionária e a filosofia marxista respondeu às carências do movimento organizativo do proletariado.

Ao trabalhar com a economia e a política, o filósofo alemão deslocou o eixo do pensamento filosófico, estabelecendo neste outra fase. A então

nova etapa do desenvolvimento da filosofia, evidentemente, não seria viável se as ciências não tivessem propiciado materiais mais ricos para a generalização filosófica. As descobertas efetuadas nas ciências naturais, em meados do século XIX, criaram um fundamento sólido para a interpretação dialético-materialista da natureza.

Poder-se-ia dizer que depois do marxismo a filosofia no seu sentido antigo da palavra, ou seja, como ciência oposta às outras, à atividade prática e à luta revolucionária, deixou de existir. A partir de Marx e Engels, os filósofos podem defender a ligação da filosofia à vida social (Kirilenko e Kórshunova, 1986: 208), podendo ainda mostrar as condições sociais do seu aparecimento e as suas funções sociais.

Embora a filosofia marxista também se proponha a explicar o que existe, visa, sobretudo, a distinguir as tendências principais do desenvolvimento e, deste modo, as perspectivas da transformação, buscadas, evidentemente, pelo viés político. Assim, a filosofia declara a sua determinação e a sua missão sociais. Portanto, desde então, pode-se dizer que mudou também o lugar da filosofia no sistema das ciências. Antes do marxismo, era comum entre os pensadores propagar que a ela cabe um papel especial, particular, no conhecimento do mundo, qualificando-a, quase poeticamente, como “ciência das ciências”, “mãe das ciências” (Kirilenko e Kórshunova, 1986: 208).

O que pretenderam mostrar os fundadores do marxismo é que a filosofia não pode olhar com desdém as realizações científicas e as investigações concretas, pois se apoia nelas, sintetiza seus dados e fatos e descobre, com base nestes, as leis mais gerais da natureza, da sociedade e do pensamento.

Pode-se dizer que, em geral, os filósofos pré-marxistas presumiam que as suas doutrinas proporcionavam um conhecimento absoluto e completo sobre o mundo. Por seu turno, Marx e Engels demonstraram que, em virtude da sua ligação orgânica e abertamente declarada à vida prática, à vida social e às ciências concretas – inclusive a economia –, a filosofia marxista preconiza o desenvolvimento contínuo e o enriquecimento dos seus postulados (Kirilenko e Kórshunova, 1986: 209). O marxismo tenciona ser um guia para a ação, ou seja, intervir e alterar a realidade. Assim, é uma doutrina filosófica cujo caráter inovador reside na sua ligação estreita à prática social. Por ser vitalmente vinculado à vida prática, o marxismo tenciona renovar-se à medida que o mundo avança e, por consequência, a história se faz.

Neste sentido, Marx declarou que a filosofia havia passado tempo demais apenas contemplando o mundo e que se tratava agora – a partir daquele momento – de conhecê-lo para transformá-lo, transformação esta que traria justiça, abundância e felicidade para todos. Daí a sua décima primeira tese, em que ele, simultaneamente, critica os filósofos cujas filosofias se limitam a teorizar e define a tarefa do filósofo como ação: “Os filósofos não fizeram outra coisa senão interpretar o mundo de diversas maneiras: o que importa é transformá-lo” (apud Marcondes e Franco, 2011: 18).

No entanto, não se quer aqui estabelecer uma supremacia do marxismo em relação a qualquer outra doutrina filosófica. Parte-se apenas do exemplo da filosofia criada por Marx e Engels para reafirmar de modo efetivo como é no pensamento que começa a transformação da humanidade. Pode-se afirmar, conseqüentemente, o quão equivocada é a imagem atribuída pelo senso comum à filosofia, ou seja, como uma área de conhecimento hermética, improdutiva e desimportante no mundo hodierno, e, por conseguinte, ao filósofo.

A tarefa da filosofia e o “lugar” do filósofo na sociedade atual

Se ainda for necessário continuar a provar a necessidade da filosofia na atualidade, poderemos argumentar que todos devem ser dignos de nossa civilização. E a filosofia não é apenas relevante em qualquer época, mas, também, fundamental e imprescindível à humanidade em sua procura constante de melhorar sua condição de vida com dignidade para todos.

Por conseguinte, tenciona-se também ajudar a desconstruir a imagem errônea que muitos têm dos filósofos, constantemente identificados pelo estereótipo que os apresenta como pouco contributivos à sociedade, segundo Rexroth (apud Marcondes e Franco, 2011: 24): “A filosofia hoje é um método complicado que serve para evitar todos os problemas importantes da vida”.

Embora alguns filósofos até recebam homenagens, sobretudo em seus próprios países de origem – em notas, moedas e selos postais, por exemplo –, o que atualmente se padroniza como prestígio, advindo da atuação profissional e que se espalha por todos os outros planos, constituindo-se no denominado *status* social, não costuma ser estendido aos pensadores. Até porque, como lembram Marcondes e Franco (2011: 25), os critérios não podem ser os mesmos usados para se classificar os ídolos de massa.

Entretanto, reconhecimento público, sucesso e poder não podem ser critérios de avaliação do filósofo e de sua filosofia. O tipo de reconhecimento que se dá ao filósofo não é equivalente, por exemplo, àquele de um ator de Hollywood, quando sai na capa de uma revista famosa e isso lhe traz fama e dinheiro, aliás, o binômio mais amado no mundo atual.

Marcondes e Franco (2011) explicam, também, os motivos de este reconhecimento apenas ser atribuído tardiamente aos pensadores ao longo da história da filosofia. Para tanto, eles recorrem a Nietzsche, cuja obra segue sendo estudada até hoje, mas que também sofreu do mesmo “mal”.

Difícilmente o pensamento filosófico produz resultados práticos imediatos para o próprio filósofo ou para a sociedade: seu objetivo não é a produção de determinados efeitos. Como disse Nietzsche, o filósofo se esforça para compreender o que seus contemporâneos se contentam em viver. A compreensão do filósofo é anterior à dos homens de seu próprio tempo, e este é um dos motivos por que a maioria dos filósofos só é reconhecida postumamente. A lista dos filósofos não reconhecidos em vida é, talvez, bem mais extensa que a dos bem-sucedidos (Marcondes e Franco, 2011: 26).

Então, qual é o “lugar” do filósofo na sociedade atual? Deve-se enfatizar que ele tem importância na vida que pulsa na sociedade em que se encontra. O filósofo é parte integrante da cultura, desenvolve seus pensamentos em meio aos espaços sociais, dentro da coletividade, e não a distância dela, encastelado em local privado, ou como a figura de um eremita em uma caverna. Sua tarefa se realiza dentro do contexto societário, pois é onde o filósofo produz seus conceitos e análises, sob a égide da tradição, tentando avançar em suas conceituações tanto para dentro quanto para fora da sociedade que integra, sem perder de vista o mundo como um todo, objetivo intrínseco de qualquer pensador.

A necessidade de o filósofo ao mesmo tempo vivenciar o cotidiano e tomar distância da vida prática para analisar o mundo, criando conceitos e raciocínios, isto é, produzindo pensamentos filosóficos, que possam explicar a vida e ajudar a melhorá-la, é corroborada por outros autores contempo-

râneos. Com base em pensadores oriundos de diversas tradições, como a ontologia e a filosofia política, Solomon (2011: 18) reitera que a função do filósofo deve incluir a concretude da vida prática em seu trabalho, procurando inserir-se mais na sociedade e indo além do abstracionismo intrínseco ao pensamento filosófico.

Mas a filosofia (...) não precisa ser abstrata. Há filosofia concreta vivendo nos detalhes, na dialética de carne e osso das ideias, algo além de ossos e tendões. (...) Vive de tornar extraordinário o que é comum e misterioso o que é ordinário: tempo, vida, mente, ser, como nós e o mundo “nos juntamos”.

Ao abordar o “papel” do filósofo, Dorfman (2008: 161) explica a dificuldade inerente ao trabalho filosófico. Para ele, por buscar estabelecer um distanciamento crítico do mundo prático, observando a vida a partir de uma perspectiva racional não-imersa na superficialidade das coisas, o filósofo tenta descrever a sua essência, o que resultaria em estar longe desta, como se a filosofia ficasse fora das coisas. Afirmando que a filosofia implica a coragem de tomar distância da vida para melhor compreendê-la, o autor esclarece: “Apenas coisas vivas – coisas nas quais se vive – podem realizar sua essência, mas o filósofo tem de dar um passo atrás, suspender a sua experiência vivida de modo a observar as coisas claramente, como são”.

Portanto, o filósofo tem mais uma função. Conquanto inserido na tradição de determinado lugar, ele tem de refletir sobre o mundo extrinsecamente ao espaço e ao tempo em que vive. Assim, o filósofo precisa tentar superar as barreiras espaço-temporais impostas por seu presente, pela atualidade em que inexoravelmente se encontra, para refletir racionalmente sobre a vida de maneira mais ampla, ou seja, voltar a filosofia sobre si mesma para reconhecer seu próprio lugar.

Michel Foucault (1984: s/p), a propósito, parte do texto de Kant acerca do Iluminismo⁴, para explicar como o filósofo alemão faz surgir pela primeira vez a questão do presente, da atualidade (O que acontece hoje? O que acontece agora?), como discussão relevante para a filosofia.

E o que é este “agora” no interior do qual estamos, uns e outros, e que define o momento em que escrevo? (...) Trata-se de encontrar nesta configuração designada como presente, um

motivo para uma decisão filosófica. (...) A questão centra-se sobre o que é este presente, centra-se sobre a determinação de um certo elemento do presente que se trata de reconhecer, de distinguir, de decifrar no meio de todos os outros. O que é que, no presente, faz sentido para uma reflexão filosófica.

O filósofo francês argumenta que na resposta kantiana a essa interrogação o pensador alemão busca mostrar de que forma esse elemento torna-se o portador e o signo de um processo que concerne ao pensamento, o conhecimento, a filosofia. Em sua explicação, recorre à analogia com a dramaturgia para definir o “papel” do filósofo em sua época, comparando-o ao de um ator que funciona também como diretor da cena em que atua.

(...) mas trata-se de mostrar em que e como aquele que fala enquanto pensador, enquanto cientista, enquanto filósofo, ele mesmo faz parte desse processo e (mais que isso) como ele tem um certo papel a desempenhar neste processo, no qual ele então se encontra, ao mesmo tempo, como elemento e ator (Foucault, 1984: s/p).

Assim, Foucault defende que o que surge – de forma inédita até então, conforme seu entendimento – no referido texto kantiano é a questão do presente como acontecimento filosófico ao qual pertence o filósofo que analisa a realidade em que vive.

Em resumo, parece-me que se viu aparecer no texto de Kant a questão do presente como acontecimento filosófico ao qual pertence o filósofo que fala. Se se considera que a filosofia como forma de prática discursiva que tem sua própria história, parece-me que com esse texto sobre a *Aufklärung*, vê-se a filosofia (...) problematizar sua própria atualidade discursiva: a atualidade que ela interroga como acontecimento, como um acontecimento do qual ela deve dizer o sentido, o valor, a singularidade filosófica e no qual ela tem de encontrar ao mesmo tempo sua própria razão de ser e o fundamento daquilo que ela diz (Foucault, 1984: s/p).

A partir do texto kantiano, o pensador francês alerta que o filósofo ao pensar o momento em que vive deve procurar evitar filiar-se a uma escola ou a uma tradição filosóficas, embora pertença a um “nós” que o amalgama à realidade em que ele próprio existe, ou seja, àquilo que se desenrola em meio ao recorte espaço-temporal de seu tempo, em que ele está inserido.

Deste modo, vê-se que, para o filósofo, colocar a questão de seu pertencimento a este presente não será de forma alguma a questão de sua filiação a uma doutrina ou a uma tradição; não será mais simplesmente a questão de seu pertencimento a uma comunidade humana em geral, mas o seu pertencimento a um certo “nós”, a um “nós” que se relacione com um conjunto cultural característico de sua própria atualidade (Foucault, 1984: s/p).

Então, a tarefa de problematizar e interrogar a atualidade em que vive, de acordo com Foucault, implica investigar o seu sentido, constituindo-se para o filósofo um trabalho mais amplo do que o de caracterizar o tempo em que vive, devendo também questionar e refletir sobre seu próprio discurso ao abordar a atualidade à qual ele pertence.

É este nós que está a caminho de tornar-se para o filósofo o objeto de sua própria reflexão; e por isso mesmo se afirma a impossibilidade de fazer a economia da interrogação para o filósofo acerca de seu pertencimento singular a esse nós. Tudo isso, a filosofia como problematização de uma atualidade e como interrogação para o filósofo dessa atualidade da qual faz parte e em relação à qual tem de se situar, poderia caracterizar a filosofia como discurso da modernidade sobre a modernidade (Foucault, 1984: s/p).

E o pensador francês acrescenta que o filósofo, ao trabalhar com sua atualidade, tem de fazer determinadas perguntas-chave a si mesmo, para tentar ir mais além do que apenas caracterizá-la. Portanto, conforme Foucault, é preciso nomeá-la, procurando ainda situá-la em relação a seu passado e a seu futuro, e também designar as operações necessárias no interior de seu próprio presente. Para isso, o autor ensina o caminho

interrogativo a ser empreendido: “Qual é esta minha atualidade? Qual é o sentido desta atualidade? E que faço quando falo desta atualidade? É nisso que consiste, parece-me, essa nova interrogação sobre a modernidade” (Foucault, 1984: s/p).

E se para a maioria dos seres humanos eventos que causam mudanças efetivas no mundo ocasionam desconforto, receio e até mesmo medo, os filósofos – por terem o que Dorfman (2008) denomina coragem, que, ressalta, é uma característica do pensador da filosofia –, enfrentam as modificações de todo tipo (históricas, sociais, políticas, econômicas, entre outras) mais placidamente, posto que trabalham criando conceitos e novas explicações racionais para compreender cada momento de transição. E, em alguns casos, contribuem com o melhoramento da realidade que vivenciam. O autor britânico destaca o que considera ser diferente entre as pessoas em geral e os pensadores em suas maneiras de encarar a vida.

Diferentemente de pessoas “normais” que se sentem ameaçadas por essas mudanças rápidas e tentam esquecê-las apegando-se aos bons e velhos conceitos, seguindo cegamente regras dadas de modo a conservar a realidade tal como a conhecem, o filósofo não está contente em imergir passivamente na realidade. Ele (ou ela) tenta apropriar-se da realidade escutando suas mudanças, encontrando novos conceitos que são mais adequados a ela (Dorfman, 2008: 163).

E uma das principais tarefas do filósofo é, como conceberam Deleuze e Guattari (1992), a fabricação de conceitos. Embora esta produção, se tomada de maneira geral, não seja exclusividade da filosofia, pois a atividade existe também nas ciências. E não é imprescindível que profissionais da filosofia produzam conceitualmente para filosofar. O exercício filosófico poderia ser feito por qualquer pessoa, principalmente a partir de conceitos de filosofia fabricados por pensadores profissionais, que, só por isto já teriam relevância na sociedade.

Comte-Sponville (2005: 14) explica que é possível filosofar apoiando-se em conceitos alheios e ainda assim avançar na compreensão do mundo da prática – sempre, evidentemente, visando a melhorá-lo.

(...) é possível filosofar sem criar conceitos (é o que fazem com frequência nossos estudantes, em suas dissertações, e a maioria dos filósofos, mesmo geniais na maior parte dos seus estudos), e porque é possível criar conceitos sem filosofar – é o que fazem nossos cientistas mais criativos, que raramente são filósofos, e nossos teóricos que nem sempre o são.

Para ilustrar seu discurso, o autor francês menciona cientistas geniais que criaram conceitos sem serem filósofos. Porém, enfatiza que eles levaram em consideração os possíveis efeitos de suas descobertas à luz da filosofia.

Seriam eles filósofos por essa razão? Eles mesmos se resguardavam disso, e, se ainda assim lhes ocorre filosofar, é na maioria das vezes sem criar para tal fim o mínimo conceito (limitam-se então a refletir, com conceitos criados por outros, sobre as consequências eventualmente filosóficas dos conceitos científicos que, ademais, criaram: veja-se, por exemplo, Einstein, sobre a natureza, ou Freud, sobre a religião) (Comte-Sponville, 2005: 14-15).

Assim, o trabalho desenvolvido pelos pensadores ao longo da história da civilização humana tem contribuído efetivamente com o avanço das ciências, porquanto a postura filosófica mostra ser um atributo dos grandes cientistas. Trata-se de mais um exemplo de como a filosofia interfere positivamente, de modo direto ou indireto, na vida social, ou seja, na realidade prática.

Cada época, suas condições sociais, econômicas, políticas, o progresso das ciências, da cultura e da própria filosofia exigem novas doutrinas e teorias filosóficas. Logo, a presença e o trabalho dos pensadores – com seus questionamentos, inquietações, discordâncias, inclusive em relação ao que de tão antigo e/ou comum parece certo, é imprescindível ao progresso da humanidade, que procura caminhos almejando uma vida feliz. E no princípio do terceiro milênio a necessidade que o ser humano tem de avançar rumo a uma existência melhor, mais justa e, se possível, virtuosa, só será possível de se realizar plenamente pelos caminhos do pensamento filosófico, que se faz mister num mundo ainda carente de princípios éticos

e humanitários em meio ao vale-tudo da sobrevivência dos mais de sete bilhões de pessoas que habitam o planeta.

A atualização da pergunta: que é a filosofia, hoje?

Ao lermos com a devida atenção a seguinte definição, eivada de diversidade, proposta por Blackburn (2008: 15), talvez fiquemos mais confusos ainda ao tentar entender efetivamente o que é a filosofia – sobretudo na atualidade.

Em resposta à questão “O que é filosofia?”, a própria filosofia sugere uma variedade de abordagens teóricas. Existem teorias baseadas em protótipos e semelhanças de família, segundo as quais qualquer coisa que se pareça suficientemente com alguma obra marcante, tais como *A República* de Platão ou *Meditações* de Descartes, conta como filosofia. Existem teorias essencialistas, que esperam assentar uma definição, uma circunstância, e aquilo que está fora não é. No extremo oposto, existe uma teoria institucionalista da reposta: filosofia é o que quer que seja produzido pelas pessoas que são pagas como filósofas nas faculdades de universidades. Uma resposta igualmente desanimadora é fornecida pela teoria do leitor: qualquer texto que seja lido como filosofia, desde Shakespeare até Darwin, conta como sendo filosofia – a filosofia está no olho daquele que a observa.

Aliás, ressalte-se que o título original do livro⁵ em que se encontra o trecho citado aqui parte da mesma pergunta que inquieta quem não é adepto dos estudos filosóficos. O próprio, porém, explica, em seguida, como a resposta compilada por ele, composta por quatro teorias bem distintas, não dá conta nem da natureza tampouco da função exercida pelo pensamento filosófico no mundo da vida.

A variedade das respostas reunidas pelo pensador britânico remete à questão posta, frequentemente, pelos leigos, já há mais de 2.500 anos, ou seja, desde o despertar do pensamento filosófico na Grécia Clássica: para que serve a filosofia? À qual poder-se-ia juntar: para que ela serve? Tem utilidade prática na vida atual, à luz dos primeiros tempos do terceiro milênio?

Decerto, as possíveis respostas a estas perguntas (talvez algo imperti-

mentes aos ouvidos de filósofos, estudiosos ou apenas amantes da filosofia) são múltiplas. Pensadores, professores da disciplina e até simples leitores diletantes de obras filosóficas podem recorrer a analogias com áreas de conhecimento ou atividades do dia a dia mais conhecidas, praticadas ou ao menos divulgadas para esclarecer – ou, ao menos, convidar o perguntador a compreender de que se trata quando se fala em filosofia.

Marilena Chaui (2010: 7) usou com destreza este expediente para dar uma explicação clara sobre a questão, numa coleção destinada à propagação do pensamento filosófico – por meio da comercialização de livros, logo, evidentemente, dentro dos padrões de divulgação e venda da indústria cultural (Adorno e Horkheimer, 1984). Na apresentação da série, a filósofa (juntamente com seu coautor) compara o exercício filosófico com o físico, tão cultuado hoje em dia.

Atualmente fala-se sempre que os exercícios físicos dão muito prazer. Quando o corpo está bem treinado ele não apenas se sente bem com os exercícios, mas tem necessidade de continuar a repeti-los sempre. Nossa experiência é a mesma com o pensamento: uma vez habituados a refletir, nossa mente tem prazer em exercitar-se e quer expandir sempre mais. E com a vantagem de que o pensamento não é apenas uma atividade mental, mas envolve também o corpo. É o ser humano inteiro que reflete e tem o prazer do pensamento.

Com o objetivo de englobar os tópicos mais importantes da reflexão filosófica, indicando ao iniciante nesta leitura a diversidade temática e doutrinária construída ao longo dos mais de 25 séculos da história do pensamento ocidental, Chaui (2010: 8) recomenda o uso da palavra no plural, por existirem vários modos de pensar por meio da disciplina filosófica. “E falamos de filosofia no plural, pois não há apenas uma forma de pensamento. Pelo contrário, há um caleidoscópio de cores filosóficas muito diferentes e intensas.”

A autora lembra que a indagação sobre a utilidade da filosofia soa, no mínimo, injusta, posto que não é dirigida a outras áreas de saber, apesar de algumas poderem ser bastante obscuras ao senso comum. Rememorando a história que narra que a citada pergunta vem sendo repetida desde os primórdios da filosofia na Grécia Clássica, tendo sido feita pela primeira

vez partir da lenda de que Tales de Mileto – considerado pelos historiadores da filosofia o pioneiro na produção do pensamento ocidental – teria tropeçado numa pedra e caído numa vala enquanto estudava as estrelas, Chaui (2010: 8) contextualiza a questão à época atual, em que se costuma medir a utilidade de tudo o que existe, e se ela não é percebida com nitidez, questiona-se sua necessidade.

É interessante observar que ninguém dirige esta pergunta às ciências, às artes e às técnicas. No entanto, em nossos dias, esta velha pergunta não é repetida sem motivo. Vivemos numa sociedade e numa cultura que julgam necessário justificar a existência de alguma coisa dizendo qual a sua utilidade prática, de modo que perguntar “para quê” significa: Que uso proveitoso ou vantajoso posso fazer disso? Por esta razão não se pergunta “para que Ciência?” ou “para que as artes e as técnicas?”, pois todos julgam saber qual a serventia delas.

Destarte, registra-se o esforço permanente de muitos pensadores para mostrar a utilidade da filosofia, reafirmando suas ideias e seus princípios lógicos fundamentados na racionalidade e aplicados no processo de construção do conhecimento, o que, com frequência, não é identificado como característica do pensamento filosófico, mas tão-somente atribuído à ciência.

(...) ideias como as da verdade, do pensamento racional, do conhecimento obtido por meio de métodos racionais, assim como a ideia de que há crescimento do saber graças ao acúmulo progressivo de conhecimentos, não são ideias científicas, mas, sim, filosóficas. Em outras palavras, os fundamentos teóricos das ciências não são científicos, mas filosóficos, e, sem a Filosofia, as ciências não seriam possíveis. Eis sua utilidade (Chaui, 2010: 10-11).

Este não é o único argumento existente para se corroborar a “utilidade” da filosofia. Para além dos pressupostos teóricos que ela empresta às ciências, isto é, os fundamentos do conhecimento verdadeiro, há outra resposta possível à mencionada pergunta. E esta baseia-se em uma das áreas mais relevantes da tradição filosófica: as doutrinas e os seus ensinamentos sobre ética e moral.

Por este viés, pode-se proceder a uma argumentação – apesar de, por seu cunho generalista e tom quase poético, ela não avançar tanto na tentativa de explicar e/ou justificar sua necessidade –, que responda à insistente indagação.

A Filosofia seria a arte do bem viver ou da vida correta e virtuosa. Estudando as paixões e os vícios humanos, a liberdade e a vontade, a capacidade da nossa razão para impor limites aos nossos desejos e paixões, ensinando-nos a viver de modo honesto e justo na companhia de outros seres humanos, a Filosofia teria como finalidade ensinar-nos a virtude, que é o princípio do bem viver (Chauí, 2010: 10-11).

Marcondes (1999) também aborda a referida indagação. No prefácio de um livro que pretende expandir o pensamento filosófico contemporâneo alhures do meio acadêmico – já que se trata de uma obra em que um periódico de imprensa francês coligiu artigos de filósofos atuais e em cujo título citam-se as grandes questões da filosofia –, possivelmente, visando a torná-la mais exotérica, lembrando a recorrência histórica com que se pergunta sobre a serventia desta área de saber, o autor assinala que isso vem quase naturalmente quando se toma o primeiro contato com o pensamento filosófico.

A pergunta sobre o que é a filosofia e para o que serve é inevitável sempre que nos defrontamos pela primeira vez com este pensamento que nos causa estranheza e fascínio. Na verdade, esta pergunta é tão antiga quanto o próprio surgimento da filosofia, mas claramente não possui uma resposta única. Se olhamos para os vinte e cinco séculos da tradição filosófica ocidental, vemos a filosofia definida de diferentes formas, algumas até conflitantes: a filosofia pode ser uma visão de mundo, uma forma de autoconhecimento, um método de questionamento, uma sistema de saberes (Marcondes, 2010: 9).

Ainda no mesmo texto, o pensador indica de maneira nítida a função contributiva do pensamento filosófico ao longo de toda a sua história e indica os motivos de sua permanência e de sua relevância atual. Ademais, ressalta a sua abrangência, que engloba qualquer tema implicado direta

ou indiretamente na vida humana, e vai mais além, pode (e deve, dir-se-ia aqui) ser aplicado a tudo o que existe no mundo.

A contribuição da filosofia tem sido, portanto, desde o seu nascimento na Grécia antiga, a interrogação, o questionamento, a pergunta. Para a filosofia, não há nada que não possa ser posto em questão. Deve ser possível discutir tudo. E é o caráter inconclusivo das respostas que nos convida a retomar as questões, a repensá-las, a procurar nossas próprias respostas, fatalmente também inconclusivas (Marcondes, 2010: 9).

E tal característica, a inconclusividade, intrínseca à filosofia desde o seu nascedouro, não é negativa para a expansão e, quiçá, a popularização do pensamento filosófico. Neste mesmo sentido, Blackburn (2008: 19) cita atividades artísticas em que não há a cobrança (nem a necessidade, acrescentar-se-ia) de que seus profissionais cheguem a resultados conclusivos, ou, pelo menos, muito duradouros – o que, provavelmente, inexistente em todas as áreas do conhecimento humano – para mostrar como nada é definitivo em todo e qualquer campo do conhecimento humano.

Pode não haver uma palavra final em filosofia, mas tampouco há uma palavra final em teatro ou literatura. (...) Tampouco é suficiente proclamar que a filosofia, mas não as peças de teatro e os romances, almeja à verdade. Pois quando estamos lidando com arte ou literatura, e não apenas com entretenimento, julgo que isso é falso. Uma obra séria de ficção almeja à verdade sobre o que importa.

Ainda sobre a questão da inconclusividade, poder-se-ia dizer que se deve valorizar o trabalho de pensadores anteriores apesar de seus ensinamentos e/ou teorias terem sido provados incompletos ou até falsos na busca da verdade. Como uma das aspirações maiores do ser, esta precisa de tudo o que foi cogitado anteriormente para progredir. Assim, não se pode desprezar nem mesmo caminhos do pensamento filosófico que se mostraram incongruentes ou equivocados.

É preciso lembrar que as investigações de filósofos anteriores auxiliam no trabalho dos que lhes sucedem, porquanto, ainda que se tenham

enganado em suas buscas, se encontraram algum fragmento da verdade, estes fragmentos, reunidos em uma unidade e um todo, são poderosa ajuda para se chegar a um conhecimento compreensivo da verdade. Portanto, até os erros dos antigos ajudam os pósteros a esclarecer a verdade por uma reflexão mais séria. Justo é, então, que sejam reconhecidos como importantes no esforço por alcançar o bem da verdade.

Outros pensadores contemporâneos robustecem a importância de se ler textos de filósofos de outras épocas, mesmo que suas teorias tenham se mostrado equivocadas no curso da história. Pois, como recorda Comte-Sponville (2005: 18), durante séculos era comum a pretensão de muitos pensadores de tentar demonstrar seus argumentos, prática abandonada na contemporaneidade – conforme o autor francês. E ainda que muitos filósofos tenham falhado, seus ensinamentos podem servir de base a outros avanços e teorizações no pensamento filosófico.

O estranho é que a filosofia não resulta daí sequer apequenada, como tampouco nossa admiração pelo gênio sem-par de um Descartes, de um Espinosa ou de um Leibniz. Disso eu concludo que, na filosofia, o que nós amamos não é a certeza nem, aliás, a dúvida, mas o próprio pensamento.

Comte-Spoville (2002: 11) ratifica a relevância de se começar o caminho do exercício filosófico por autores clássicos. Ressalvando que é partindo de filósofos anteriores que cada indivíduo constrói o seu pensamento – obviamente, envidando também esforços por si mesmo.

Filosofar é pensar por conta própria; mas só se consegue fazer isso de um modo válido apoiando-se primeiro no pensamento dos outros, em especial dos grandes filósofos do passado. A filosofia não é apenas uma aventura; também é um trabalho, que requer esforços, leituras, ferramentas.

Os filósofos precedentes sempre servem de ponto de partida para quem quer adentrar o fazer filosófico. Ainda que algumas de suas ideias se tenham mostrado equivocadas ao longo do tempo – posto que influenciadas pelos contextos sociais e culturais em que foram formuladas –, mantêm sua serventia como base para que o indivíduo que vive na hodiernidade possa

partir delas para elaborar suas próprias opiniões, chegando a conclusões racionais sobre temas que interessam à humanidade neste momento. Os filósofos anteriores a esta época são interessantes e estimulantes, provocam o ser vivente a pensar, mesmo que para discordar, à luz do tempo atual, do que eles defenderam em suas delimitações espaço-temporais. E, dentro dos limites de cada um, todos podem *praticar* filosofia.

Caminhos possíveis para a prática da filosofia

A amplitude da filosofia é um dos porquês da sua perenidade. Seus questionamentos, ensinamentos, doutrinas, métodos, procedimentos, tudo que se encontra no pensamento filosófico pode ser utilizado em qualquer campo de conhecimento e em toda a experiência humana. Tal característica se hiperdimensiona no tempo presente à medida em que a velocidade da comunicação expandida pelos mais variados meios tecnológicos – sobretudo a internet – propicia o debate sobre qualquer assunto entre indivíduos que nem sequer se conhecem ou se veem no momento em que participam de uma conversação que objetive avançar cognitiva e intelectualmente.

Assim, todo tipo de discussão que se pretenda organizada, ou seja, minimamente baseada em argumentos e raciocínios lógicos, tem (e sempre terá) teor ou, ao menos, inspiração filosóficos. Logo, poder-se-ia dizer, fazemos filosofia cotidianamente.

Qual é o prazer da filosofia? Eu também costumava dizer que é a comoção de ver como todos os tipos de ideia se juntam. Hoje, porém, eu diria que, em vez disso, é a comoção de ver os olhos dos outros se acenderem quando começam a perceber como todos os tipos de ideia se juntam, a seu próprio modo (Solomon, 2011: 19).

O que faltaria, então, para refletirmos filosoficamente de maneira mais consciente? Para Blackburn (2008: 17), o incentivo a esta prática vem da atualização dos problemas postos em debate no dia a dia das pessoas, talvez providas de maior consciência no novo milênio. Questões referentes a cotas em universidades ou concursos públicos, clonagem, eutanásia, consumo racional, sustentabilidade, liberação de patentes de medicamentos, entre

outros tantos exemplos de temas tão caros à contemporaneidade, somente poderão ser plenamente debatidas à luz de teorias filosóficas – sobretudo de cunho ético-moral. Mesmo assim, isto poderá passar despercebido para muitos dos participantes das mais variadas discussões da atualidade, em que cada lado tenciona defender, argumentativa e logicamente, seus pontos de vista.

A dificuldade da filosofia na época atual é que a reflexão precisa de um estímulo, ou talvez uma irritação. O problema medieval sobre como reconciliar a crença cristã com o entendimento aristotélico não mais nos empolga. Mas a crise epistemológica que aconteceu quando a ciência moderna confrontou a autenticidade religiosa tradicional forneceu justamente um estímulo desse tipo para as grandes filosofias dos séculos XVIII e XIX. O estímulo gerado pela inconsistência da teoria dos conjuntos provocou a grande onda de metamatemática do início do século XX. Talvez o equivalente mais próximo disso na época atual – porém visível apenas para alguns poucos filósofos muito especializados – possa ser o colapso do paradigma da escolha racional em economia, à medida que essa ciência depauperada se vê às voltas com as complexidades reais da motivação humana.

O objetivo de desmitificar a filosofia e divulgá-la em seu estágio atual, visando, se possível, à sua popularização, tem movido pensadores de diversos matizes e origens. Sua tarefa talvez seja hercúlea, dada a imagem que ainda perdura entre o grande público, relativa ao trabalho filosófico e a seus trabalhadores.

Pensadores contemporâneos como Nagel dedicam boa parte de seu tempo a produzir textos que mostrem ao leitor comum que ninguém vive sem filosofar – apesar de muitos (quicá, a maioria) não o saberem. Sem muitas pretensões, o autor britânico afirma que desde a adolescência já começamos a praticar o exercício filosófico, a partir de problemas do cotidiano, que envolvem questões referentes à moral, à ética, à justiça, à finitude do ser humano, ao sentido da vida, entre outros tantos temas inseridos direta ou indiretamente em nosso dia a dia. Desta forma o pensador ratifica que a prática filosófica surge da vida que levamos e que não é preciso ser conhecedor de grandes teorias e nem mesmo

iniciado para exercitar o pensamento, isto é, para dedicar-se ao filosofar, uma vez que sua “matéria” advém do mundo em que vivemos e do modo como se estabelecem nossas relações com os outros seres que habitam nele.

(...) a matéria-prima filosófica nos é oferecida diretamente pelo mundo e por nossa relação com ele (...). É por isso que esses temas surgem por isso repetidas vezes na cabeça de pessoas que nunca leram nada a respeito deles. (...) O cerne da filosofia reside em certas indagações que a reflexiva mente humana considera naturalmente intrigantes e a melhor forma de iniciar o estudo da filosofia é pensar sobre elas diretamente (Nagel, 2007: 2).

E comumente se alguém tenciona estabelecer uma discussão racional, independentemente da variedade temática nela implicada, recorre ao pensamento filosófico. À luz de teorias e conceitos originários da filosofia, todo tema pode ser mais bem debatido, como indica Comte-Sponville (2005: 33): “Qualquer objeto (...) pode ocasionar uma prática teórica desse tipo. (...) Apesar dessa mixórdia, vê-se que na maioria das vezes trata-se do ser humano ou daquilo que o rodeia. Nada há de espantoso nisso, pois quem filosofa é o ser humano”.

Nagel (2007: 2) reafirma a reflexão como base da filosofia. Todos nós filosofamos, por exemplo, em uma conversa sobre uma notícia divulgada por um veículo de comunicação de massa, independentemente de o assunto ter determinância direta ou efetiva em nossas vidas. Outros exemplos são: um caso de corrupção no exterior ou uma disputa por território entre dois povos, ou ainda um médico que, supostamente, objetivando, aliviar o sofrimento de um doente em estado terminal resolve aplicar medicamentos que interrompam sua vida. Frequentemente, discutimos sobre os mais variados temas mesmo que aconteçam (ou já tenham ocorrido) muito longe do espaço (ou do tempo) que ocupamos neste planeta, ou seja, prescindimos do conhecimento empírico e da observação direta de cada caso para emitirmos opiniões e tentar defendê-las de maneira racional, pretendendo ser justos, apesar da distância espacial e/ou temporal.

A filosofia é diferente da ciência e da matemática. Ao contrário da ciência, ela não se apóia em experimentos ou na observação, mas apenas na reflexão. E, ao contrário da matemática, não

dispõe de nenhum método formal de investigação. Ela se faz pelas simples indagação e arguição, ensaiando ideias e imaginando possíveis argumentações contra elas, perguntando-nos até que ponto nossos conceitos de fato funcionam.

Além disso, costumamos questionar as visões divergentes das nossas, tentando demonstrar que nossos argumentos são mais bem construídos, embora constantemente, possamos evoluir – e/ou até mudar de ideia – em meio ao contencioso. E isto é uma postura filosófica, possível a qualquer indivíduo, ainda que ele não a perceba. Assim, notamos que a filosofia se ocupa prioritariamente de ideias comuns que usamos diariamente. Até mesmo as noções mais simples que carregamos na mente podem ser investigadas com um olhar filosófico, ou seja, a filosofia aprofunda nossa compreensão de mundo ao nos fazer questionar e refletir sobre todas as coisas que, repertoriadas significativamente, parecem naturais, consolidadas e/ou indubitáveis. A filosofia é, então, caixa de ferramentas para se explicar melhor a realidade, apesar de inconclusiva – como quase todas as pesquisas científicas, cujo processo de avanço implica a superação de um estudo pelo outro, sem se desprezar o anterior, que, geralmente, funciona como base para os seguintes.

Não iríamos muito longe se não tivéssemos como certas as ideias de tempo, número, conhecimento, linguagem, certo e errado a maior parte do tempo; mas na filosofia investigamos essas coisas em si. O objetivo é aprofundar um pouco mais nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Obviamente, não é uma tarefa fácil. Quanto mais básicas as ideias que tentamos investigar, menos são os instrumentos de que dispomos para nos ajudar. Não há muita coisa que possamos dar como certa ou garantida. Assim, a filosofia é uma atividade um tanto vertiginosa, e poucos de seus resultados permanecem incontestáveis por muito tempo (Nagel, 2007: 2).

É preciso registrar, portanto, que as reflexões dos filósofos são frutos de suas próprias visões, opiniões pessoais sobre problemas já solucionados ou que nunca o serão. Daí depreende-se que o caminho mais adequado – e, provavelmente, o mais prudente – para o desenvolvimento do pensa-

mento filosófico em cada indivíduo é tentar abordar, diretamente e por si mesmo, as questões antes de aprender muitas teorias filosóficas sobre os problemas que elas buscam resolver, examinando as soluções possíveis, e até equívocos cometidos por filósofos, mesmo que eles estejam entre os mais renomados.

Nota-se que um dado grau de irreverência também pode ser útil (e importante) a quem estuda, ensina e/ou produz filosofia. E deve-se assinalar que isso vem sendo realizado por inúmeros pensadores ao longo da história da filosofia. Todos criam suas doutrinas a partir do que existia anteriormente e/ou do que lhes é contemporâneo, tentando avançar no conhecimento do mundo em geral e do ser humano em particular, ritual cumprido independentemente da questão analisada. “Antes de aprender muitas teorias filosóficas, é melhor enredar-se nas questões a que essas teorias buscam responder. E a melhor forma de fazê-lo é examinar algumas soluções possíveis e ver o que há de errado com elas” (Nagel, 2007: 2).

Percebe-se, a partir de autores contemporâneos citados aqui, uma dada preocupação de se repensar a imagem da filosofia. Propagá-la para além dos ambientes acadêmicos, considerando que a prática filosófica se realiza majoritariamente fora do âmbito universitário, é uma boa estratégia para se compreender o seu caráter exotérico, posto que, como já lembrado neste artigo, o exercício filosófico pode ser realizado em qualquer lugar e por qualquer pessoa. Para quem trabalha com filosofia, é necessário ter em mente ainda que a imagem errônea que ainda predomina não condiz com o momento que vivem o pensamento e a produção filosóficos.

A relação com as ciências

Determinadas ideias filosóficas não se tornam datadas. Elas ainda podem ter validade, mesmo quando filósofos e cientistas subsequentes provaram que suas conclusões estavam equivocadas. Algumas, rejeitadas durante séculos, provaram ser surpreendentemente prescientes, como as teorias dos antigos atomistas gregos, por exemplo. Ideias seminais mostram que frequentemente a relação entre ciência e filosofia é de intercâmbio de ideias.

A biologia nunca dirá a um biólogo como se deve viver, nem se se deve, nem mesmo se se deve fazer biologia. As ciências humanas nunca dirão o que a humanidade vale, nem o que

elas mesmas valem. Por isso, é necessário filosofar: porque é necessário refletir sobre o que sabemos, sobre o que vivemos, sobre o que queremos, e porque nenhum saber basta para empreender essa reflexão nem nos dispensa dela (Comte-Sponville, 2007: 13).

Fazendo uma analogia com as ciências a partir do conceito de bricolagem (e, por conseguinte, também com a figura do seu realizador, o *bricoleur*, uma espécie de faz-tudo, que inventa suas próprias ferramentas de trabalho), originário do estruturalismo, Brandon (2008: 129) afirma que uma nova e mais real configuração da filosofia deve ser construída segundo o seu atual estágio. “O contexto para essas reflexões sobre a utilidade da filosofia é sua prática atual, não a imagem distorcida que ela apresenta a seus consumidores.”

Este pensador usa até uma porcentagem (90%) para tentar quantificar o que é produzido em filosofia longe das revistas acadêmicas e dos encontros entre especialistas. Ele adverte que o rigor com que os filósofos tratam sua própria área de trabalho – por conhecerem o conceito de falibilidade epistemológica – e também um possível e minucioso excesso de atenção a supostos e pequenos equívocos teóricos seriam os fatores que contribuiriam para a distorção da imagem geral da filosofia, ainda hoje vista injustamente como se fosse algo estéril e distante da vida prática.

Embora seja lugar-comum em epistemologia reconhecer-se a falibilidade de nossos conhecimentos e ver a filosofia não estando estritamente isolada de outras disciplinas pela natureza de seus métodos ou pelo estatuto peculiar de seu assunto, penso que a maneira como a filosofia é usualmente praticada – em revistas de prestígio e seminários de pós-graduação – sugere que não assumimos completamente essas concepções. Há uma preocupação fastidiosa com imprecisões menores; a demolição de um detalhe em uma concepção é considerada como decisiva. Requer-se do apoio a uma tese filosófica que seja dedutivamente cogente de um modo que ninguém exigiria da teoria da evolução ou da cosmologia inflacionária (...) (Brandon, 2007: 130).

A questão da natureza da filosofia – e, por conseguinte, como ela difere de outros campos de pesquisa – tem sido desenvolvida por um sem-número de pensadores contemporâneos, integrantes das mais variadas correntes filosóficas. Ao abordar a relação da filosofia com as ciências, o filósofo da linguagem Searle (2000: 145-6) explica como ambas têm muito mais semelhanças do que diferenças, sobretudo por seu caráter fundamental, a universalidade.

Filosofia e ciência não se referem a assuntos distintos da maneira que “história econômica”, “química” e “filologia do romance” se referem a assuntos distintos porque, ao menos em princípio, tanto a filosofia como a ciência são assuntos universais. Ambas visam ao conhecimento e à compreensão. Quando o conhecimento se torna sistemático, e especialmente quando o conhecimento sistemático se torna seguro ao ponto de estarmos confiantes de que é conhecimento, por oposição a uma mera opinião, ficamos mais inclinados a chamá-lo de “ciência” e menos de “filosofia”. Grande parte da filosofia se preocupa com questões às quais não sabemos responder da maneira sistemática característica da ciência, e muitos resultados da filosofia são esforços para rever questões a ponto de torná-las questões científicas.

O autor aclara outro motivo pelo qual o senso comum insiste em ver a filosofia como uma área em que pouco se teria avançado, principalmente na contemporaneidade. E explica uma dicotomia aplicada comumente quando se faz uma espécie de “passagem” do pensamento filosófico para o científico, o qual mereceria mais confiança por denotar um tipo de “progresso”.

Essas relações entre filosofia e ciência explicam por que a ciência está sempre certa e a filosofia sempre errada, e porque nunca há progresso em filosofia. A partir do momento em que estamos confiantes de realmente possuir conhecimento e compreensão em alguma área, paramos de chamar isso de “filosofia” e começamos a chamar de “ciência” e, tão logo fazemos algum progresso definitivo, pensamos ter o direito de chamar isso de “progresso científico” (Searle, 2000: 147).

Entretanto, não se deve entender essa relação como se fosse uma comparação direta, pelo fato de a ciência implicar o problema do processo de mudança dos paradigmas, incluso o conceito de falseabilidade – exemplificado por Brandon (2008: 132) com a teoria do flogisto –, sem equivalente exato na formação do pensamento filosófico. Conforme este autor, esta é uma vantagem da filosofia sobre os outros ramos do saber. O que pareceu interessante em filosofia por ventura pode continuar a sê-lo. E o pensador acresce: a filosofia pode ser útil para dirimir problemas em várias áreas, funcionando como remédio, ou mais, como autodefesa lógica.

Se concedemos (...) que a filosofia pode fornecer um insight sobre algumas questões de sua propriedade, mas também sobre algumas das que pertencem a outras áreas, que pode ajudar e esclarecer confusões e fornecer ferramentas para a “autodefesa lógica”, como um manual de pensamento crítico diz, então deveríamos notar que os desconfortos intelectuais que a filosofia pode aliviar com frequência podem ser atacados com vários remédios. Eles não requerem a história final e completa, mas meramente algo que permitirá que se veja o que está ou pode estar indo mal.

Poder-se-ia, assim, dizer que a filosofia esclarece as relações do homem com o mundo circundante e ajuda a solucionar as questões vitais. Indo além da sabedoria cotidiana, como forma de conhecimento científico, dá provas e interpretações rigorosas de seus postulados e proposições. Logo, os seus princípios e conceitos fundamentais são o resultado da ponderação e da generalização de muitos fatos dos mais diversos domínios da vida e da atividade humana. E, por isso, a filosofia se mostra inseparável das ciências.

A filosofia é para todos (?)

Ainda acerca da questão da “utilidade” da filosofia, já abordada neste texto, deve-se frisar que os critérios majoritariamente aplicados pelo senso comum para definir se algo é útil na sociedade atual costumam restringir-se a uma possível finalidade prática, preferencialmente de utilidade imediata. Chauí (1998: 18) afirma que avaliar a filosofia sob o prisma da cultura hodierna de valorização excessiva de coisas como prestígio, poder, fama

e dinheiro, ou seja, um *status* societário que orienta a vida de bilhões de pessoas, resultará em se vê-la como dispensável. Porém, a pensadora visa a provar a “utilidade” desta área de conhecimento a partir de sua abrangência temática.

Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, na ciência e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseje a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humano são capazes (...)

Logo, muita gente que se considera longe da filosofia, possivelmente, reveria sua posição ao tomar contato com explicações simples e objetivas sobre o fazer filosófico, como a seguinte, feita por Dorfman (1998: 161):

Será que a filosofia é apenas uma questão para filósofos e não para pessoas que estão contentes em viver suas vidas? É hora de revelar que a estrutura “como” não caracteriza apenas a filosofia, mas também a Razão, o Logos, o Discurso. Caracteriza a condição humana. Nós, seres humanos, e não apenas os filósofos, falamos sobre as coisas de tal modo que possamos vê-las a partir de uma certa perspectiva, de um ponto de vista racional, mas isso significa que em certo sentido não estamos mais entre as coisas. As coisas estão faltando, pois de outro modo não falaríamos sobre elas. Apenas as viveríamos sem mencioná-las. Cada discurso expressa uma falta, um destacar-se da vida presente, um movimento em direção ao futuro ou ao passado.

Brandon (2008: 133) defende uma aplicação mais ampla da filosofia, explicando como podem ser úteis conhecimentos gestados ao longo da história do pensamento filosófico em outras áreas da vida humana na atualidade. E acrescenta que até mesmo noções superadas, incompletas

ou refutadas, assim como na ciência, podem ter serventia no processo de esclarecimento de qualquer indivíduo.

Pode-se conceder de imediato que há um papel possível para as noções filosóficas, independentemente de serem ainda vistas como frutíferas dentro da filosofia, na contribuição que fazem à discussão em outras áreas. Qualquer um está livre para usar as noções de outra pessoa, e poderá descobrir que funcionam. Mas talvez isso não esteja bem certo. Uma dificuldade para o meu projeto atual é a natureza multiforme do alvo filosófico: uma distinção, uma tese, um conceito, uma perspectiva...? Tenho de concordar que uma maior clareza requereria uma investigação caso a caso mais detalhada, mas por ora permitam-me aventar a opinião de que o esclarecimento filosófico dos problemas de outra pessoa ainda será filosófico...

O autor faz ainda uma crítica aos limites comumente estabelecidos para a prática da filosofia, que habitualmente restringem-se à universidade. E acrescenta que este encastelamento do pensamento filosófico – que é estudado, ensinado e debatido quase que apenas nos ambientes universitários – colabora para que continue a distorção no senso comum.

A crescente profissionalização da filosofia reduziu o papel que ela poderia desempenhar informando a perspectiva geral das outras pessoas sobre as coisas. (...) Nós permanecemos fixos no estabelecimento de necessidades ou impossibilidades, quando o esclarecimento pode apenas precisar de algo que lembre como as coisas realmente são (Brandon, 2008: 133).

E mesmo dentro do ambiente acadêmico, com frequência, textos são produzidos para serem lidos por poucos. A partir de caso de plágio de tese de doutorado, ocorrido em 2012, na Alemanha, praticado por um político famoso, Sloterdijk (2012, s/p) critica o fato de que muitos escritos filosóficos são feitos visando tão somente ao cumprimento de tarefas de curso ou de ritos exigidos para a ascensão na carreira universitária.

Visto do exterior, o mundo universitário tem o efeito de um biótopo especializado na produção de “textos” a cada vez mais bizarros e totalmente afastados do popular. (...) Tantos vegetais textuais que desabrocham exclusivamente dentro do microclima da Academia – comparável às plantas rasteiras dos altos Alpes que sobrevivem às altitudes onde as árvores não brotam mais – e que, em regra geral, não aguentam uma transplantação nas planícies lisas e desimpedidas da vida editorial.⁶

Além do problema levantado pelo pensador germânico, a circunscrição da produção filosófica à universidade, o que contribui para a visão deformada do trabalho filosófico pelo público em geral, outros autores contemporâneos indicam possíveis motivos para as distorções sobre o que constitui esta área. Brandon (2008: 134) atribui parte da formação da imagem equivocada à própria autoimagem que este campo de saber constrói sobre si mesmo. Ele aponta, por exemplo, a exigência feita por muitos profissionais da filosofia, somente considerando relevante a produção de altíssimo nível – senão, nem mereceria ser assim denominada.

Enquanto as ciências têm grupos de pessoas que usam mas não avançam suas teorias, a filosofia vê a si mesma puramente como o trabalho de ponta, mesmo que como um fato sociológico haja (em termos comparativos) uma grande porção submersa de atividade escondida.

Ainda nos anos 1990 do século passado, Solomon (2011: 11) já denunciava os supostos excessos de seriedade e especificidade como fatores negativos à prática e à difusão da filosofia. Dissertando acerca da necessidade de se buscar filosofar com prazer, o autor estadunidense condena o que classifica de mau-humor de filósofos profissionais, o que contribuiria para fechar o ciclo do pensamento filosófico às pessoas comuns, isto é, não-iniciadas formalmente no estudo desta área de conhecimento.

A filosofia ficou “séria” demais, virou “profissão”, com seus conhecedores e “especialistas”; em função de suas exigências técnicas, de seus problemas e de seus quebra-cabeças específicos mas ainda assim refratários, seu sectarismo e de suas hierarquias

acadêmicas, não é mais para o homem comum, se é que um dia já foi. (...) O que se costumava chamar de “especulação”, sem falar de “visão”, saiu de moda. O antigo ideal da filosofia abrangente, opulenta, espessa e onívora foi sacrificado à nova filosofia do seco e do mal-humorado, seja na forma de argumentos lineares, seja na forma de cinismo pós-moderno.

Regressando à analogia com as ciências, Brandon (2008: 136) propõe a quem trabalha com o pensamento filosófico um projeto que estabeleça postura mais indulgente com a própria área de atuação. Com a física e a engenharia como exemplos, áreas em que se admite que alguém aplique teorias já abandonadas por ter sido provado que elas eram falsas no caminho até a pesquisa de ponta, o autor defende que este expediente seria benéfico rumo à popularização da filosofia, o que, por sua vez, poderia levar a um ainda maior desenvolvimento conceitual, o que talvez possa ser visto (ou até classificado) como “alta filosofia”. Ele recorre ainda a uma ideia que nomeia *insight* – que pode ser entendido como “estalo” ou “intuição”, despertado no indivíduo pelo exercício filosófico, que culminaria em juízo – para que a filosofia repense o lugar que ocupa na atualidade.

Sugiro que concedamos uma indulgência semelhante às teses ou distinções filosóficas que podem servir para iluminar problemas intelectuais, mesmo quando sabemos que elas podem não ser a verdade toda e nada senão a verdade. Sugiro que nos perguntemos que atitudes são apropriadas uma vez que reconhecemos a falibilidade de nossos resultados filosóficos, e que reconsideremos o lugar do *insight* filosófico em uma educação liberal defensável, se nossas fontes pagadoras permitirem que esse evidente anacronismo sobreviva.

Neste mesmo sentido, outros pensadores atuais, que também consideram a questão do *insight* como sendo fundamental nas etapas do processo filosófico, tentam provar como tal ideia pode ajudar o pensamento filosófico a repensar seu lugar neste momento histórico. Baggini (2008: 137) reafirma que o *insight* é o primeiro passo para a formação do juízo, entendido como faculdade cognitiva requerida para alcançar conclusões ou formar teorias, cuja verdade ou falsidade não pode ser determinada por um apelo apenas a fatos e/ou à lógica.

(...) a maioria dos filósofos concordaria que a filosofia realmente boa requer algo mais, algo que poderíamos chamar de insight ou juízo. O problema é que, embora esse fato seja reconhecido, pouco se diz a esse respeito, e suas consequências para como percebemos o projeto da filosofia com muita frequência não são extraídas. Não se trata de algum “fator X” adicional que, aliado à boa lógica, produz boa filosofia; o juízo ou o insight é uma parte inerente do processo filosófico.

E a filosofia tem de envolver os problemas reais da humanidade, que fornecem o ímpeto e a motivação para a própria filosofia. O convite à filosofia é de responsabilidade permanente de seus profissionais, os quais devem tentar fazer entender o não-iniciado o quanto a filosofia é intrínseca ao modo humano de ser. É uma de suas tarefas. Então, a filosofia não seria exclusividade de especialistas e profissionais, conforme exorta Solomon (2011: 28).

Somos todos filósofos e temos de democratizar a filosofia (...). Filosofia é tão somente pensar sobre temas como paixão, justiça, tragédia, morte, identidade e, naturalmente, a própria filosofia, que de modo algum é domínio ou privilégio de um pequeno grupo de profissionais formados na universidade.

Ele critica a restrição aos domínios especializados salientando a importância da filosofia para as questões universais, cuja essência ultrapassa fronteiras, compreendidas como “condições filosóficas preexistentes” – ou simplesmente “a condição humana” – que temos de pensar e sentir.

Não surpreende que essas questões incluam a natureza da boa vida, o lugar e os fundamentos de nossas paixões mais fortes, nosso lugar entre os outros, questões de justiça, explicações da tragédia, a finalidade aparente da morte, nossa própria identidade e a razão e o propósito do pensamento, da reflexão, da consciência, da filosofia... (Solomon, 2011: 28).

E o autor complementa sua abordagem fazendo uma analogia entre vida e filosofia.

O que é “profundo” na filosofia parece mais uma varredura ampla, uma questão de ver, não de cavar. Filosofia não é argumentação, mas discernimento, contemplação, visão. Se a filosofia é densa e rica, é porque assim também é a vida. E a filosofia diz respeito à vida. Pode até ser essencial à vida (para a vida examinada, ao menos), mas a filosofia não é vida, da qual, aliás, só toma empréstimos. E filosofia também não é o esqueleto em volta do qual a vida toma corpo, como se a filosofia fosse a base, e tudo o mais, mera carne. A filosofia não pode viver como raciocínio unidimensional, mas mesmo quando mais plena ainda será, com toda a certeza, parca, mesmo que não lógica. Com ou sem filosofia, o verde da grama é luxuriante (Solomon, 2011: 26).

Considerações finais

Há uma multiplicidade de respostas à insistente pergunta “O que é a filosofia (ou o filosofar)?”, que embute mais do que ignorância. Porém, é preciso admitir que: se muita gente não sabe bem do que trata a filosofia; se quem conhece o que é que esta área de saber faz e quais são seus objetos não se preocupa em torná-la mais popular; se algumas definições mais confundem, sobretudo por sua erudição, do que esclarecem o que é o pensamento filosófico e quais os caminhos para o indivíduo comum começar a filosofar; se os profissionais da filosofia veem com desdém as tentativas de pessoas de fora do âmbito acadêmico totalmente especializado adentrarem este ambiente, desprezando até possíveis contribuições significativas à maior propagação da filosofia, a tendência é que a filosofia permaneça tendo de explicar os porquês de sua existência, assim como reafirmar sua importância efetiva para a vida humana.

E já na segunda década do terceiro milênio milhões de pessoas ainda se mostram insatisfeitas com suas vidas, mesmo depois de alcançarem aquilo que a princípio parecia ser o mais importante, como uma sólida e prestigiada carreira profissional e as conquistas materiais – inclusive quando estas são as mais caras e valorizadas da sociedade de consumo –, e buscam uma compreensão maior e melhor do mundo e de todas as questões humanas.

Então, existe um espaço muito propenso à expansão da filosofia, até mesmo entre pessoas que, aparentemente, não precisariam buscar grandes

avanços intelectuais, tampouco ampliar sua compreensão do mundo, para melhorar sua vida sob os parâmetros de bem-estar e sucesso comumente aceitos na atualidade. Porém, isso ocorre com mais frequência do que se possa supor, haja vista, o relato com que Solomon (2011: 9) ilustra um texto seu dedicado à descoberta do prazer da filosofia.

Percebeu que tinha uma vida cheia, mas e daí? “Oca e superficial”, disse com seus botões. Então descobriu o prazer da filosofia. Não era uma pretensão intelectual, muito menos um curso necessário. Como uma criança, demonstrou entusiasmo quase ilimitado pelo brinquedo novo. Pôs as mãos em alguns livros (que a maioria dos acadêmicos desdenharia como leitura “popular” ou “secundária”), algumas fitas de conferência para ouvir em seu Porsche, alguns nomes para deixar escapar aqui e ali e várias ideias. O que de fato obteve, porém, foi um amor para toda a vida, uma sensação interminável de deslumbramento e fascínio.

Com este caso quase prosaico, o pensador estadunidense reafirma como é possível a qualquer indivíduo inserir, com naturalidade, a filosofia em seu cotidiano. E mais, tendo uma relação prazerosa com o conhecimento filosófico, em contraponto à sisudez de “especialistas”, os quais, constantemente, menoscabam textos de filosofia que têm também o objetivo de gerar satisfação intelectual em quem os lê. Assim, “os donos do conhecimento filosófico” manteriam o seu círculo aberto apenas aos seus “profissionais”, ou seja, um hábito exclusivista – mais parecendo ter intento corporativista –, que contrariaria as tradições socráticas, prezadas por quem pratica o filosofar.

Destarte, autores que tentam cativar o leitor não especializado, explicando didaticamente o que é a filosofia e convidando o receptor da mensagem oriunda do pensamento filosófico a adentrar mais e mais no universo do conhecimento são fundamentais.

Um dos principais filósofos atuais que trabalham também com este objetivo, Comte-Sponville (2005: 24) define a filosofia – apesar de reconhecer a aridez da tarefa, que sempre aparenta estar incompleta – pelo que ela tem de intrinsecamente mais importante: a ampliação da sabedoria de quem se dedica a estudá-la.

Filosofar é pensar de preferência a conhecer, questionar de preferência a explicar. A filosofia não é um saber a mais; é uma reflexão sobre os saberes disponíveis (e, portanto, também sobre os limites deles; sobre aquilo que ignoramos). Ela visa menos à ciência do que à sabedoria, menos a aumentar nosso conhecimento do que a pensá-lo ou ultrapassá-lo – por exemplo, interrogando-se sobre o conjunto do real, sobre o ser ou o absoluto (metafísica), sobre o que nós podemos saber (teoria do conhecimento), sobre o que devemos fazer (moral), sobre o que podemos viver (ética, política, estética) ou esperar (religião).

E se a pretensão de um indivíduo for viver com a razão, o caminho natural será a filosofia, segundo advoga o autor francês em outro texto destinado à propagação do pensamento filosófico.

A filosofia é questionamento radical, busca da verdade global ou última (e não, como nas ciências, desta ou daquela verdade particular), criação e utilização de conceitos (mesmo que isso também se faça em outras disciplinas), reflexividade (volta do espírito ou da razão para si mesmo: pensamento do pensamento), meditação sobre sua própria história e sobre a história da humanidade, busca da maior coerência possível, da maior racionalidade (é a arte da razão, por assim dizer, mas que desembocaria numa arte de viver), construção, às vezes, de sistemas, elaboração sempre, de teses, de argumentos, de teorias... Mas também é, e talvez antes de mais nada, crítica das ilusões, dos preconceitos, das ideologias (Comte-Sponville, 2002: 14).

Ele prossegue na extensa e didática definição, inclusive lançando mão de metáforas, até mesmo bélicas, para tentar fazer-se entender. E ao mesmo tempo procura atrelar a filosofia à maior aspiração humana, conforme fora concebida na tradição clássica grega.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? A ciência. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria: a felicidade. Mas na verdade: tem pano para muita manga, como se diz; ainda bem, porque os filósofos gostam de arregaçá-las (Comte-Sponville, 2002: 14).

E mesmo não sendo ciência – embora possa trabalhar em parceria com esta – a filosofia deveria ser ensinada a todos, independentemente de quaisquer características? Preocupado com o futuro da disciplina, Bouveresse (2005: 13) advoga que sim. E o autor empreende uma avaliação invertendo a interpretação do fato de ela não ser considerada ciência como algo negativo para a propagação do pensamento filosófico.

Atualmente, o que muitos filósofos tradicionais têm sentido como uma inferioridade lamentável é justamente o que se apresenta, na maioria das vezes, como a prova da superioridade da filosofia: é justamente por não ser uma ciência, de maneira alguma, que por não ter um objeto determinado nem um método aceito, e por não ser uma disciplina suscetível de ser realmente ensinada é que ela deve ser ensinada a todos, nem que seja para denunciar a ingenuidade e a consciência tranquila e insuportáveis de todos os discursos tão “cristalizados” ou “consolidados” (...) que podem, entre outras coisas, dar lugar a um ensino propriamente dito, sem grandes problemas.

Para concluir, voltemos à indagação principal deste artigo. E se alguém ainda fizer a pergunta a si mesmo: para que serve este bem imaterial, a filosofia? Poder-se-á responder que ela é um bem que se consuma *gratia sui* e que, portanto, não precisaria ter servidão alguma. Porém, poderíamos complementar, dizendo que ela serve para inspirar, fazer refletir sobre a natureza das coisas e agir, transformar o mundo ao redor, não ceder ao determinismo histórico e até para apostar na quase utópica visão de um mundo mais justo, libertário e igualitário.

Então, pelo bem do mundo, e por todos os meios, talvez se deva trabalhar para realizar o que Diderot (apud Comte-Sponville, 2002) pregava: “Apresemos-nos a tornar a filosofia popular”. Assim, conclui-se este artigo defendendo como caminho adequado para esta maior propagação a utilização dos meios de comunicação em massa, principalmente a televisão, e, sobretudo, a internet, pois se entende o ciberespaço como podendo ser o melhor canal para o conseguimento de tal intento. Por fim, comprometemo-nos a tratar deste tema em futuro próximo.

Notas

1. Este artigo é parte da dissertação de mestrado em filosofia, apresentada ao PPG-UGF, em Julho de 2012, sob orientação do prof. dt. Norman Madarsz.
2. Jacques Derrida (1930-2004), filósofo francês, nascido na Argélia e de origem judia, propôs o método da desconstrução, que visa a dissolver a linguagem para que esta dê lugar ao que ele chama de escritura.
3. O pensador francês Auguste Comte (1798-1857) foi o criador do positivismo, derivado da lei dos três estados que ele formula em sua teoria da história.
4. KANT, I. Idee zu einer allgemeinen Geschichte in weltbürger Absicht. In: *Berlinsche Monatsschrift*, 1784. Apud FOUCAULT, M. Qu`est-ce que les lumières. In : *Magazine Littéraire*, n. 207, mai 1984, p. 35-39. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em www.filoesco.unb.br/foucault. Acesso em 10/02/12.
5. “What philosophy is”. CAREL, Havi e GAMEZ, David. 2008.
6. SLOTERDIJK, Peter. Le pacte de non lecture. Disponível em www.lemonde.com.fr. Acesso em 31 de janeiro de 2012. “Vu de l`extérieur, le monde universitaire fait l`effet d`un biotope spécialisé dans la production de “textes” le plus souvent bizarres et totalement éloignés du populaire. (...) autant de végétaux textuels qui s`épanouissent exclusivement dans le microclimat de l`Academia – comparables à ces plantes rampantes des hautes Alpes qui survivent à des altitudes où les arbres ne poussent plus – et qui, en règle générale, ne supportent pas une transplantation dans les plaines plates et dégagées de la vie éditoriale.” A tradução da versão francesa é nossa.

Referências

- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *A dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1984.
- ATTALI, Jacques. *Dicionário do século XXI*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BAGGINI, Julian. A filosofia como juízo. In: CAREL, Havi e GAMEZ, David (Orgs.). *Filosofia contemporânea em ação*. Trad. Fernando José R. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BLACKBURN, Simon. Prefácio. CAREL, H. e GAMEZ, D. (Orgs.). *Filosofia contemporânea em ação*. Trad. Fernando José Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BOUVERESSE, Jacques. *O futuro da filosofia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.
- BRANDON, Ed. *A filosofia como bricolagem*. In: CAREL, Havi e GAMEZ, David (Orgs.). *Filosofia contemporânea em ação*. Trad. Fernando José R. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- CHAUÍ, Marilena. *Boas-vindas à filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1998.
- COMTE-SPONVILLE, André. *A filosofia*. Trad. Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Apresentação da filosofia*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia*. Trad. Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DORFMAN, Eran. A filosofia como um 'como'. In: CAREL, Havi e GAMEZ, David (Orgs.). *Filosofia contemporânea em ação*. Trad. Fernando José R. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *O que é o iluminismo?* Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em www.filoesco.unb.br/foucault. Acesso em 10/02/12.
- KIRILENKO, G. e KÓRSHUNOVA, L. *Que é a filosofia*. Trad. G. Melnikov. Moscou: Edições Progresso, 1986.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 9a. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____ e FRANCO, Irley. *A filosofia: O que é? Para que serve?*. Rio de Janeiro: Zahar: Ed. PUC-Rio, 2011.

MATRAVERS, Matt. A filosofia como política – algumas considerações sobre o futuro da filosofia política. In: CAREL, H. e GAMEZ, D. (Orgs.). *Filosofia contemporânea em ação*. Trad. Fernando José Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2008.

NAGEL, Thomas. *Uma breve introdução à filosofia*. Trad. Silvana Vieira. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SEARLE, John. *Mente, linguagem e sociedade*. Trad. F. Rangel. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SLOTERDIJK, Peter. Le pacte de non-lecture. In: *Le Monde*, de 29 janeiro de 2012 Trad. Olivier Mannoni. Disponível em www.lemonde.com.fr. Acesso em 31/01/12.

SOLOMON, Robert C. *O prazer da filosofia: entre a razão e a paixão*. Trad. Maria Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Record, 2011.

Resumo

Este artigo tem como objetivo contribuir para o reconhecimento da importância da filosofia na vida de todo ser humano, no sentido da prática, isto é, dada a qualquer forma de intuição ou de conhecimento vivenciado, mesmo que isso não seja percebido. Partindo-se da premissa de que ideias originárias do pensamento filosófico ultrapassam suas fronteiras e são usadas por pessoas não-especializadas em filosofia ou até mesmo leigas nesse campo acadêmico-científico, tenciona-se evidenciar de que forma a filosofia se insere na vida social. Outro intuito deste texto é ajudar a refletir sobre a sua produção de conhecimento.

Palavras-chave

Filosofia - Conhecimento - Sociedade.

Abstract

This paper aims to contribute to the recognition of the importance of philosophy in the life of every human being in the sense of practice, that is, given any form of intuition or experienced knowledge, even if it is not realized. Starting from the premise that originating ideas of philosophical thought beyond their borders and are used by non-specialized in philosophy or even lay in this academic-scientific field, it is intended to show how philosophy fits into the social life. Another purpose of this article is to help reflect on their knowledge production.

Keywords

Philosophy - Knowledge - Society.

Résumé

Cet article vise à contribuer à la reconnaissance de l'importance de la philosophie dans la vie de chaque être humain dans le sens de la pratique, qui est, compte tenu de toute forme d'intuition ou de connaissances expérimenté, même si cela ne se réalise pas. Partant du postulat que les idées provenant de la pensée philosophique delà de leurs frontières et sont utilisés par des non-spécialisé en philosophie ou même jeteur dans ce domaine académique et scientifique, il est destiné à montrer comment la philosophie s'inscrit dans la vie sociale. Un autre objectif de ce texte est d'aider à réfléchir sur leur production de connaissances.

Mots-clés

Philosophie - Connassaince - Societé.

A Revista **Comum** aceitará contribuições sem restrição de procedência, ressalvadas as prioridades estabelecidas pelo Conselho Editorial e recomenda a seus colaboradores que enviem seus artigos da seguinte forma:

1. Texto em mídia eletrônica, digitado em programa Word para Windows, corpo 12, entrelinha 1,5.
2. Os textos devem ter o mínimo de 10 e o máximo de 20 laudas (cada lauda com cerca de 30 linhas e 70 toques por linha).
3. Notas, referências bibliográficas e citações que obedeçam as normas da ABNT.
4. As referências bibliográficas, no final do texto, devem conter apenas as obras efetivamente mencionadas no artigo.
5. Apresentar um resumo de, no máximo, 150 palavras na língua original do texto e um *abstract* ou *résumé*.
6. Listar palavras-chave, *keywords* ou *mots-clés*.
7. Incluir nota biográfica do autor que indique sua formação acadêmica e, se for o caso, onde ensina, estuda e/ou pesquisa.

No caso de publicação do artigo, o Conselho Editorial se reserva o direito de selecionar as informações biográficas que achar pertinentes.

8. O ineditismo do artigo é obrigatório. Indicar, em nota à parte, caso o texto tenha sido apresentado em forma de palestra ou comunicação.
9. Evitar palavras, expressões ou frases grafadas com sublinhado ou negrito. Para destaques usar apenas o itálico.
10. Enviar, com os originais, autorização assinada pelo autor ou seu procurador, para que aquele trabalho seja publicado nas versões impressa e digital da Revista **Comum**.

O Conselho Editorial se reserva o direito de recusar os trabalhos que não atendam as normas estabelecidas e comunicará ao autor se o trabalho foi aceito sem restrições, aceito com sugestão de alterações ou recusado. Os autores receberão cinco exemplares do número que contiver sua colaboração.